

## A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS ESPORTES DE VÔO LIVRE: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE AVENTURA E RISCO

**Ms. Luciana Silva Abdalad**

UNISUAM - Centro Universitário Augusto Motta / LIRES-LEL-PPGEF/UGF

E-mail: lualbdalad@globo.com

**Dra. Vera Lucia de Menezes Costa**

Universidade Gama Filho / LIRES-LEL- PPGEF/UGF

E-mail: veralmc@globo.com

*Resumo: Esta pesquisa, de natureza qualitativa, teve os objetivos de investigar alguns sentidos de aventura e risco presentes nos discursos das mulheres que praticam vôo de asa-delta e parapente por lazer; e de destacar alguns elementos simbólicos e míticos expressos nos discursos dessas mulheres. Foram realizadas oito entrevistas semi-estruturadas com mulheres praticantes de vôo livre. A metodologia utilizada para a interpretação dessas falas foi a Análise do Discurso de Orlandi (1987, 1993, 1999). O mapeamento dos sentidos da aventura e do risco permitiu que emergissem as seguintes marcas nos discursos: o escape, com o sentido polissêmico de desrotinização e condição social feminina; a ruptura, com o sentido de superação do medo; a paixão, com o sentido do lúdico e da liberdade; a mãe; o diálogo com a natureza; o resgate. A vivência utópica, alternativa, imaginada, ressignificou as vivências de mulheres que ousaram voar por esporte, experimentando uma ruptura transformada que as tirou dos seus lugares de estabilidade anterior: a condição de sombra num espaço esportivo em que se privilegiam as masculinidades.*

*Palavras-chave: mulher; aventura; risco; vôo livre.*

## I – Introdução

O esporte constitui-se num dos maiores fenômenos sociais da atualidade, movimentando um grande número de praticantes e torcedores, pessoas que se mobilizam e vibram com os espetáculos esportivos.<sup>1</sup> Há um destaque significativo na mídia impressa e telejornalística, com canais de TV, jornais e revistas destinados somente a esportes documentando a grande diversidade de práticas e competições que ocorrem no planeta.

O esporte institucionalizado vem, aos poucos, passando por transformações que refletem as mudanças da sociedade. Percebemos a emergência de uma prática esportiva baseada na entrega ao consumo, na busca pela perfeição, na vivência intensa do presente, características da transição da modernidade para a pós-modernidade.<sup>2</sup>

Para Maffesoli (2001), é no tempo da pós-modernidade que o homem vivencia o drama de um paradoxo contemporâneo: diante da globalização, do desenvolvimento tecnológico, de uma sociedade que deseja ser positiva e que se afirma perfeita, mas que se expressa à busca do vazio, do imaterial, do que não tem preço, do que não se pode contabilizar. É o paradoxo entre a aceitação do mundo como ele é e a recusa dos valores estabelecidos. Busca-se novos valores, uma renovação de sentidos.

Na sociedade pós-moderna há uma reorganização nos sistemas esportivos, produzindo uma mudança simbólica que constitui o imaginário dessa época. E é neste contexto que desencadeia-se o surgimento e a difusão dos esportes de aventura e risco na natureza.

Os esportes de aventura e risco praticados no espaço da natureza parecem envolver seus praticantes em alguns sentidos distintos dos esportes institucionalizados, próprios da época contemporânea. Há um retorno de valores arcaicos, alimentados pela tecnologia e racionalidade do tempo atual. Há, também, o ressurgimento de estruturas arquetípicas, arcaicas (MAFFESOLI, 2001) que transitam numa lógica de retorno ao primitivo, proporcionada pela natureza mas sustentada na evolução científica e tecnológica que propiciem uma prática

<sup>1</sup> Segundo Costa (2000), os espetáculos esportivos apresentam-se atualmente regidos por uma ordem cultural baseada no individualismo narcisista e hedonista. Uma ordem cultural baseada no desfrute, onde o homem se vê seduzido pelas imagens e pela perfeição do gesto esportivo produzido pelos espetáculos.

<sup>2</sup> A partir do início deste século vários autores têm produzido pesquisas nas quais afirmam que estamos vivenciando o limiar de uma nova era mundial. Alguns termos definem este momento como a "pós-modernidade" (Michel Maffesoli, Zygmunt Bauman, Stuart Hall), "alta modernidade", "modernidade tardia" (Anthony Giddens, Ulrich Beck), "tempos hipermodernos" (Gilles Lipovetsky).

mais ousada e segura. Emerge a figura de Jano,<sup>3</sup> com suas duas faces que simbolizam o arcaísmo e o modernismo, nessas práticas esportivas na natureza.

Os praticantes abandonam provisoriamente seus lares, o conforto e a praticidade da vida moderna, para estarem próximos da natureza, em um ambiente até certo ponto hostil, se considerarmos o estilo de vida dos habitantes de grandes centros urbanos.

Há um emaranhado simbólico na aproximação dos indivíduos com a natureza por meio dos esportes de aventura e risco,<sup>4</sup> em que os sentidos da aventura deslocam-se da exploração e da conquista da natureza para a admiração, o conhecimento do espaço e de seu próprio corpo interagindo com este espaço. Esses aventureiros esportistas não buscam dominar o mundo, mas reconhecer e expandir seus próprios limites.

Segundo Le Breton (1996), o homem aventureiro possui a característica de abandonar os alicerces seguros da vida cotidiana para mergulhar no universo da incerteza. Por meio da vivência da aventura, o indivíduo projeta-se em outra dimensão, distancia-se do cotidiano comum. Para o autor, a aventura opõe-se aos dias banais, estes vividos sem nenhum incômodo, sem o inesperado.

Simmel (1988) comenta que a vida de uma pessoa aventureira é carregada de emoções, sempre em busca de uma nova aventura; afirma que o indivíduo aventureiro lida com o inseguro e com o incalculável da vida, da mesma forma como o não aventureiro se comporta diante do calculável. Tudo aquilo que pode despontar como absurdo para os não aventureiros, sob o foco do aventureiro pode ser apenas um desafio. A incerteza e o desconhecido instigam o homem aventureiro a se lançar no desafio, a viver o imediato.

<sup>3</sup> Jano significa passagem. É um dos deuses mais antigos do panteão romano e é representado por duas faces contrapostas. O mês de janeiro foi consagrado a este deus, pois marca a passagem de um novo ano. É o deus de começos e de transições (BRANDÃO, 1994). Jano, deus dinâmico, ambivalente, é o oposto à passividade, é a unidade da ambivalência de quem vê o futuro e não se desprende do passado, aprende com ele. A androginia de Jano manifesta-se na integração dos regimes diurno e noturno das imagens de Durand. O regime diurno, caracterizado pela estrutura heróica da frente para frente, para o futuro e o regime noturno das imagens, das estruturas sintéticas, da inversão da cabeça voltada para trás, para o passado, que interpretamos como a resistência à rendição de práticas aos esportes tradicionais em espaços codificados. Jano não esquece o tempo, integra-o na narrativa. Faz passagem. Os discursos de praticantes de esportes na natureza apontam isso. Compreende-se a utilidade, o valor de tal prática, rende-se às precariedades, mas se está em disponibilidade para o futuro.

<sup>4</sup> Esta hipótese já foi comprovada em outros estudos que tratam dos esportes de aventura e risco na natureza: Costa (1999), Abdalad (2001), Passos (2004), Melo (2005), Esteves (2005), Cardozo (2006), Coicero (2007).

Alguns indivíduos possuem características pessoais, como a coragem, a ousadia, e buscam constantemente os desafios e encantamentos vividos pelo novo, pelo desconhecido. São capazes de se lançar em uma aventura, como navegar ao encontro do incerto, rompendo a rotina do cotidiano nas grandes cidades. Correm riscos. Vivenciam verdadeiras aventuras.

O homem aventureiro é aquele que possui as características de ignorar fronteiras, sentir-se em um mundo amplo, com seu ponto de chegada sendo mais importante que o processo para alcançá-lo, assim como algumas qualidades como a audácia, a imprevidência, o arrojo, a instabilidade; é um indivíduo com espaços ilimitados e em constante busca de autossuperação.

Segundo Costa (2000), tais práticas emergiram criando uma ruptura com os esportes convencionais, provenientes das modalidades olímpicas ou das práticas vinculadas ao esporte espetáculo. Passaram a imprimir novas configurações que fazem uso das forças humanas e da natureza associadas. Há o deslocamento do indivíduo para a natureza no que diz respeito à presença de outros participantes e na competição. O grande desafio no ambiente selvagem<sup>5</sup> é com a natureza e a competição passa a ser consigo mesmo. É uma trama rica em imagens e símbolos, na qual a aproximação com a natureza conduz o homem à busca de identidades próprias. Podemos considerar uma definição dos esportes de aventura e risco na natureza que foi encaminhada à Comissão de Assessoria de Esportes de Aventura, do Ministério dos Esportes, pelas pesquisadoras Vera Lucia de Menezes Costa, Kátia Montenegro Passos e Alcyane Marinho, como as práticas que

Compreendem o conjunto de modalidades esportivas formais e não formais, vivenciadas a partir de sensações e de emoções sob condições de incerteza de informações e de risco calculado, preferencialmente ao ar livre (ar, água, neve/gelo e terra), como exploração das possibilidades da condição humana em resposta aos desafios desses ambientes, quer seja nas perspectivas do desempenho, da educação e do lazer, sob controle das condições de uso dos equipamentos e comprometidas com a sustentabilidade socioambiental (COSTA, MARINHO & PASSOS, 2006).<sup>6</sup>

São esportes em que os praticantes se arriscam. Lidam com a vertigem e inúmeras emoções e possibilidades em contato direto com a natureza. Precisam aventurar-se.

<sup>5</sup> Espaço Selvagem – “[...] el medio es incierto e inestable; requiere constantemente una toma de información y una toma de decisión motriz dotadas de los riesgos de la improvisación” (PARLEBAS, 1988, p.120).

<sup>6</sup> Recentemente o Conselho Nacional de Esportes recomendou conceitos de esportes de aventura e de esporte radical na resolução no 19 de 09 de abril de 2007.

O espírito aventureiro esteve presente em várias épocas na história da humanidade. Carregado por este sentimento de aventurar-se, o homem desbravou mares, conquistou terras e dominou civilizações. Atualmente, esse espírito de aventura parece despontar socialmente na prática das atividades esportivas que lidam com o risco calculado. As conquistas possuem, hoje, um sentido simbólico de desafio e superação, mas dos próprios limites, presente em cada subjetividade desbravadora e aventureira humana.

Observa-se que algumas mulheres se afastam da vida urbana e se lançam na natureza em programas de aventura e risco. Mulheres que mergulham até mesmo em empreitadas que ultrapassam o desafio da natureza, enfrentando barreiras sociais e de disponibilidade de tempo para se dedicar à atividade. Essa dedicação, se por um lado lhes exige audácia e coragem, por outro as encaminha a momentos de solidão e reflexão.

Mas, como as mulheres, que durante séculos mantiveram suas atividades centradas nas preocupações domésticas, maternais e em suas obrigações matrimoniais, de esposas e responsáveis pelo ótimo andamento do lar no cotidiano da família, se colocariam nesse universo de ousadia e de coragem?

Este artigo, produzido a partir de uma dissertação de mestrado, trata da participação feminina, como lazer, nos esportes de aventura e risco na natureza, especificamente da prática do voo livre de asa-delta e parapente. Traçamos os objetivos de investigar alguns sentidos de aventura e risco presentes nos discursos das mulheres que praticam voo de asa-delta e parapente por lazer e destacar alguns elementos simbólicos e míticos expressos nos discursos das voadoras.

## **II – A participação feminina nos esportes de aventura e risco**

Diante de um universo de hostilidade do ambiente, com reduzido controle de informações e inúmeros desafios, o esportista aventureiro se lança na busca de superação de obstáculos, desencadeando em si uma agradável sensação de prazer de um herói guerreiro vencedor. E esse prazer, no caso feminino, parece vir acrescido da audácia de entrar numa disputa culturalmente destinada à supremacia do grupo masculino, o que a faz parecer mais forte e regida por atributos extra-humanos. Em diferentes culturas os homens constroem a supremacia masculina e, na cultura ocidental, eles destinam a si, com grande ênfase, tal supremacia; às mulheres cabe o zelo de suas famílias, fazendo com que até agora o arquétipo guerreiro predomine e seja reconhecido nas configurações masculinas.

O atributo do guerreiro, figura do imaginário social, aparece no feminino quando as mulheres começam a lutar por aquilo em que acreditam, ou quando elas se lançam em desafios sempre que se sentem atraídas por batalhas para salvar alguma causa, outras pessoas, seus ideais, ou preservar uma condição que venha beneficiar o bem-estar da humanidade no mundo (PEARSON, 1989). É comum reconhecermos esse atributo nos grandes feitos da história do Brasil, dos quais temos como exemplos Chiquinha Gonzaga, que com sua música rompeu as barreiras sociais da época e mobilizou-se na causa antiescravista; Leila Diniz, mulher corajosa que também ousou romper com regras de comportamento predeterminadas para o grupo feminino; Maria Lenk, Piedade Coutinho e Aída dos Santos, que imprimiram suas marcas na história esportiva do país, conquistando o espaço feminino nesse campo.

As mulheres, que durante longos períodos foram representadas pela sociedade como frágeis e fisicamente nobres, somente para a função de reprodução, viviam com o ideário de que a prática da atividade física não era apropriada para corpos tão sensíveis. O grupo social feminino vivenciava, então, um cotidiano cuidadoso, no qual o zelo corporal apresentava-se como necessário e saudável.

Até o século XIX, no Brasil, as mulheres mantiveram suas atividades focadas nas tarefas domésticas, maternais, em suas obrigações matrimoniais. O estilo de vida da elite dominante era marcado por influências do imaginário da aristocracia portuguesa. A família patriarcal brasileira era comandada pelo pai. Este homem, que habitava a casa-grande e dominava as senzalas, detinha o poder sobre seus dependentes, agregados e escravos. Às mulheres cabia o papel de cuidar do lar e da família (DEL PRIORE, 2006).

Havia um imaginário que caracterizava as mulheres como frágeis, dóceis, compreensivas e portadoras de um instinto natural de proteção e cuidado para a família e para o lar.

Somente no final do século XIX e início do século XX, com a aquisição do novo *status* de lugar público, a rua passou a ser vista em oposição ao espaço privado – a casa. Houve a valorização da intimidade, marcada por um processo de privatização da família. Tornaram-se claros os limites do convívio e as distâncias sociais entre esta nova classe burguesa e o povo.

E foi nesse contexto que a mulher de elite saiu do espaço privado – a casa – e passou a circular no espaço público. As mulheres marcam suas presenças nos acontecimentos da vida social, nos teatros, nos bailes, nos cafés da época. Embora mais “livres”, as mulheres, além de vigiadas pelos pais ou maridos, tinham

sua conduta submetida aos olhares atentos de toda a sociedade. Era preciso aprender a se comportar em público. Ser bem educada e recatada. Saber receber o convidados e apresentar-se bem diante deles. (DEL PRIORE, 2006).

No campo das atividades físico-desportivas no Brasil, este processo de inserção das mulheres se iniciou no começo do século XX de forma sutil, devido a suaves modificações das ideias e representações em cada momento histórico (MOURÃO, 1998).

No mundo atual, metaforizado pelo esporte – um fenômeno cultural e plural – as práticas esportivas distribuem-se entre alto rendimento, disponíveis em esportes-espetáculo sustentados pela mídia, e esportes-lazer, de livre iniciativa e gosto dos participantes, nas quais espera-se igual participação de ambos os sexos. No entanto, inventado por homens e para homens, o universo do esporte ainda é predominantemente masculino, o que nos leva a concordar com Pfister & Hartman-Tews (2003) que apontam a íntima relação entre ideologias de gênero e esporte.

Ainda que tenha se tornado um campo político em que as mulheres assumem um lugar de direito e de poder, parece que na história da apropriação desses espaços esportivos a inserção da mulher ocorreu a partir de lentas conquistas e do mérito de competências e histórias isoladas nas quais as mulheres – cuja maioria pertencia à elite da sociedade e contava com o apoio da família – se lançavam a alguma prática esportiva. Nas provas olímpicas de 1896 houve a primeira participação de uma mulher: Stamati Revithi. A corredora competiu de forma extraoficial na maratona. Já em 1900, nos Jogos Olímpicos de Paris, 11 mulheres participaram nas modalidades golfe e tênis.

Em 1932 a Delegação Olímpica Brasileira embarcou para Los Angeles a bordo do cargueiro Itaquicê com 82 atletas. Entre eles estava Maria Lenk, a nadadora paulista de 17 anos. Ela foi a primeira atleta mulher sul-americana a participar de uma Olimpíada.

E, a partir dessa época histórica, alguns movimentos foram incrementando a participação das mulheres nas práticas esportivas, como o movimento de eugenia da raça, nos anos 1930, que percebia a prática de exercícios físicos como instrumento para formar mulheres mais fortes, necessárias para produzir uma sociedade eugênica. Havia uma aceitação social mais expressiva, no que diz respeito à presença feminina no universo esportivo. No entanto, os espaços esportivos ainda eram caracterizados como um território permeado por ambiguidades, pois tinham o poder de, simultaneamente, encantar e afligir homens e mulheres. Por meio das práticas esportivas o discurso legitimador da conduta

de cada sexo passou a ser contestado. Houve uma tensão entre o controle e a liberação de corpos e emoções.

Um evento relevante, no que cabe à participação feminina no esporte, eram os chamados "Jogos da Primavera", uma olimpíada organizada para agrupar a disputa entre as mulheres, que no início dos anos 1950 incentivou a participação feminina nos esportes em todo o Brasil, contando com o apoio dos meios de comunicação e da sociedade (MOURÃO, 1998).

Houve uma mudança de valores, e a aparência e a saúde começaram a receber novos olhares acerca do corpo feminino, sendo já socialmente aceita a participação de mulheres em atividades como a natação, a dança e a ginástica.

As mudanças foram ocorrendo de forma lenta, mas significativa, principalmente para as mulheres mais ricas da sociedade. Este fato também é observado nos esportes de risco. Por sua condição financeira, podem contar com uma série de equipamentos que auxiliam na segurança, roupas apropriadas para diferentes condições na natureza e instrumentos de busca de informações precisas a respeito das condições meteorológicas. Isto faz com que os esportes de aventura e risco sejam, normalmente, praticados por mulheres pertencentes a uma classe social alta, com recursos para se manterem ativas no esporte.

Margaret Costa e Sharon R. Guthrie (1994), em sua obra *Women and Sport – interdisciplinary perspectives*, desenvolvem uma reflexão a respeito de questões que envolvem a inclusão e a participação feminina no campo esportivo. Segundo as autoras, os estudos sociológicos que tratam do tema só começaram a despontar em meados do século XX, pois não parecia relevante para os pesquisadores investigar o fenômeno social da mulher no esporte, devido à presença de uma herança de exclusão, de uma crença imaginária que associava o feminino ao inferior, ao frágil, ao delicado, ao intocável. As mulheres incorporavam o imaginário social de que não estavam aptas à prática de atividades corporais.

Para aquelas autoras, embora a década de 1970 presenciasse inúmeras transformações sociais, o campo esportivo emergia como um espaço oposto à feminilidade, pois para serem "aceitas" no esporte as mulheres deveriam vivenciar uma espécie de supercompensação do seu lado feminino: usar batom, jóias, e provar socialmente que a atividade física não havia reduzido sua feminilidade.

No entanto, foi no final da década de 1970 que se iniciaram as primeiras análises sociológicas que tratavam dos significados das experiências esportivas das mulheres. Ainda segundo as autoras, dois tópicos foram proeminentes e básicos para futuras reflexões: a socialização dentro do esporte e a socialização por meio do esporte, ou seja, os efeitos da participação esportiva no desenvolvimento de atitudes, valores e orientações. Afirmam, ainda, que o espaço esportivo é um amplo local para analisar as relações de gênero, pois nele circulam ideias e representações dos universos masculino e feminino.

Para Costa e Guthrie (1994), um outro espaço que testemunhou o deslocamento de sentido e as mudanças que ocorriam na participação da mulher no esporte foi a área do lazer. Dois dados foram considerados relevantes para as autoras: o tempo para se dedicar ao exercício e o tipo de atividade física praticada. No primeiro caso, observou-se que as atribuições domésticas, o cuidado com os filhos e o zelo com as tarefas do lar impediam as mulheres de se lançarem em programas de lazer, tanto no esporte como em outras atividades. No entanto, é crescente a procura feminina por esportes no lazer.

No que diz respeito ao tipo de atividade, as autoras observam que o grande aumento no número de mulheres praticantes de atividade física nos momentos de lazer ocorreu durante o “boom do fitness”, na década de 1980. É importante comentar que as práticas físicas que se relacionavam a este período – a ginástica aeróbica, a ginástica localizada, o *step*, a musculação, as danças da moda, a corrida – representavam uma encarnação contemporânea dos valores da feminilidade. Os sentidos de sua busca, na prática, relacionavam-se com o controle do peso e com a hipertrofia muscular. As mulheres buscavam o padrão da beleza corporal feminina, e o esporte proporcionaria um corpo mais belo, uma mulher mais bonita.

Nos anos 1980 e 1990 observa-se uma maior inserção feminina em esportes considerados violentos, como o judô, o futebol, o polo aquático, o handebol. Nessa mesma época algumas mulheres começam a despontar no espaço dos esportes de risco-aventura na natureza. No final da década de 1970 e inícios dos anos 1980 uma mulher arriscou-se na aventura de voar: Paula Santana foi a primeira voadora sul-americana de asa-delta. A imprensa já relatava, com surpresa, o fato de uma mulher estar desbravando, praticando esse “esporte tão perigoso”, mas Paula não voava só por diversão. Participava também de campeonatos em que só havia homens inscritos. Pioneira corajosa, com a sua asa-delta, conquistava, literalmente, o espaço, explorando-o com seu corpo, delineando formas no vazio, transformando o invisível em visível durante seu contato direto com o ar (ABDALAD, 2005). Destaca-se também Simone Duarte na canoagem oceânica, realizando travessias em alto mar, sozinha com seu

Niterói, v. 10, n. 1, p. 121-145, 2. sem. 2009 **129**

caiaque; Dora Briá, famosa praticante de windsurf, ganhou campeonatos pelo mundo desbravando as ondas do mar.

No caso das mulheres praticantes de esporte de aventura, especialmente as praticantes de voo livre, acredita-se no pressuposto de que voar não é somente uma prática física ou um ato mecânico; existe a vivência de um ritual que aproxima as praticantes da sacralização da vida, da experiência simbólica de liberdade e transcendência.

### **III – Desvendando o Imaginário das mulheres voadoras**

#### *II. 1. O imaginário social*

Considerando que as relações humanas são vividas nos planos manifesto e do imaginário, podemos compreender, por estudos de natureza subjetiva, como os elementos simbólicos de intercâmbio, entre as vozes que perpassam os discursos dessas mulheres-voadoras, favorecem ou refreiam o processo de comunicação que se estabelece na relação que ora se institui dentre esses grupos e no entendimento de suas ações por imagens produzidas por essas voadoras que interagem nesses grupos ao longo de sua trajetória antropológica.<sup>7</sup> Trata-se de uma estrutura de relações entre imagens, cujos sentidos que se estabelecem fundamentam o existir humano. Uma lógica imaterial cuja noção está associada a uma práxis, a uma forma de realidade tal que é possível, de posse de seu conhecimento, produzir imaginários para atender a determinados fins. Ou seja, as relações veiculadas entre essas praticantes de voo livre são regidas por um corpo imaterial, imagético, composto por símbolos, mitos e crenças presentes na cultura. Aqui tratamos de um campo de investigação recentemente autorizado, o imaginário social, que considera como igual valor as funções do irreal e do real.

Considerando que o irreal se utiliza de uma lógica própria e que só podemos nos apropriar dele por meio da linguagem, por metáforas, metonímias e alegorias que se apresentam como instrumentos dessa lógica, os discursos produzidos no interior desses grupos tornam-se reveladores do imaginário que os anima. Símbolos, signos e mitos são inseparáveis da noção de imaginário. O *corpus* dessa forma de conhecimento é um sistema de imagens articuladas

---

<sup>7</sup> Gilbert Durand (1989) entende o imaginário social como o conjunto de imagens que constituem o capital pensado do *homo sapiens*, percebendo-o no dinamismo das ações em determinado grupo social, compreendendo-lhe o trajeto antropológico das imagens. O trajeto antropológico é o "incessante intercâmbio ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social" (p. 29).

entre si por sentidos que circulam na sociedade e que possibilitam a regulação de condutas e de papéis sociais.

## II. 2. As entrevistas

O mapeamento dos múltiplos sentidos de voar permitiu que emergissem as seguintes marcas nos discursos: o *escape*, a *ruptura*, a *paixão*, a *mãe*, o *diálogo com a natureza*, o *resgate*. A polissemia de *escape* assume os sentidos de *desrotinização* e *condição social feminina*. A polissemia de *ruptura* emerge com o sentido de *superação do medo*. A polissemia de *paixão* remete aos sentidos do *lúdico* e da *liberdade*.

### a - O escape

O *escape* não se enuncia de imediato; ele se oculta sob outras expressões. Captamos a sua presença de acordo com os sentidos que as falas assumem. Como foi descrito acima, a polissemia do *escape*, nesses discursos analisados, remete aos sentidos de *desrotinização* e *condição social feminina*.

Praticar o voo livre em um grande centro urbano parece representar um *escape* momentâneo de algumas condições objetivas presentes no imaginário dessas mulheres.

*Pra mim, é quebrar com tudo que eu tenho que seguir aqui embaixo, com meus horários, com a minha rotina, com... a mesmice, né, às vezes do dia-a-dia que a gente cai... É um fator até que ajuda até no meu casamento mesmo, na minha vida a dois, porque é uma coisa a mais que eu tenho com o meu marido, e são poucos os casais que têm, que é o prazer de voar junto, o prazer de descobrir novas rampas, de viajar pra ir, pra voar, e é muito bom.*

O *escape* manifesta-se quando parece existir uma necessidade de quebra de rotina. No momento do voo as informantes rompem com a "mesmice" do cotidiano que aprisiona e desgasta até mesmo o casamento. Nesses poucos instantes em que as mulheres estão voando, elas estão livres de suas obrigações de mãe, esposa, dona-de-casa, profissional. É escapar rumo à liberdade que renova.

Voar é abandonar provisoriamente a terra, sair do chão no qual tudo parece acontecer sempre de modo parecido, sair do materialismo, das normas, dos horários do dia a dia, e relaxar, livre, ao sabor dos ventos. É liberar todas as

tensões que absorvem e estressam o ser humano para tornar-se forte e preparada para o recomeço das tarefas cotidianas da mulher.

É interessante comentar que a realização dessa prática esportiva de voo como lazer é realizada no meio urbano, e somente durante pequenos períodos essas aventureiras encontram-se plenamente no espaço aéreo junto à natureza. São mulheres que se lançam em busca de sua liberdade, mas retornam e não ultrapassam o *métron*.<sup>88</sup>

O meu motivo é um só, é o fato de eu ter filho... então a gente sempre num vento mais forte, a gente sempre pensa duas vezes antes de encarar a situação, em função disso, de não se acidentar, de não sofrer nenhum susto, e em função da família mesmo, mas, eu acho que é da natureza mesmo da mulher, mais cautelosa, né, ir devagar e sempre.

Essa precaução de reconhecer limites e não ultrapassá-los parece acontecer porque a preservação da vida é inerente, seja pela própria sobrevivência ou pelo arquétipo mãe que elas têm incorporado. São as mulheres que perpetuam a espécie e necessitam preservar-se para esta missão divina. Isto é o que guarda sua memória, o que se opõe ao acontecimento: liberar suas asas e voar pela imensidão.

As mulheres voadoras ousam aventurar-se pela dimensão aérea, mas percebem-se com responsabilidades maternas. A vivência de voar é um grande ato de coragem. Manifesta-se um espírito aventureiro que, segundo Le Breton (1996), apresenta-se como uma espécie de fuga dos projetos comuns do cotidiano. Para uma mulher aventureira, a vida precisa ser sentida com emoções. É preciso por breves instantes escapar do dia a dia que, a seu ver, torna-se banal e desgastante, e dar sentido ao momento vivido:

[...] é porque em *ser só mulher não tem nada de mais*, até então quando eu era só uma pessoa do sexo feminino que fosse voar, não tinha interferência, empecilho nenhum, porque tava dentro do meu esquema, porque eu acordava cedo e ia correr, depois ia voar, eu, era... uma vida super saudável. Agora, na questão de *ser mãe, dona-de-casa, trabalhar e voar, é uma confusão muito grande*, sabe, que eu agradeço até o tempo que eu tive de liberdade assim total, de poder voar a hora que eu queria, e que me deu aquele gás que eu falei que o *voo livre me deu, força interior*, sabe, pra poder suportar, porque o voo, pra mim assim, foi o máximo de tudo...

O escape emerge como o ligeiro afastamento da condição social feminina. Para realizar seu sonho de voar é preciso que, provisoriamente, a voadora se distancie de suas tarefas na dimensão terrestre. O fato de ser mulher não se apresenta como uma interferência para voar, mas as obrigações de ser mãe,

<sup>88</sup> Métron - Termo utilizado por Brandão (1995) para indicar limite. É o limiar individual que o ser humano possui. É a subjetividade que promove segurança para se lançar nos desafios de sua vida.

trabalhar fora de casa e ter suas responsabilidades pelo perfeito andamento do lar é que dificultam a continuidade feminina no voo. Mas elas decidem realizar seus sonhos e tornam possível a aventura nos ares; afinal, este desejo está "no sangue", circulando pela imaginação aérea (BACHELARD, s.d.) de cada mulher. E é vivenciando sua liberdade plena no espaço invisível que o feminino se encoraja, que absorve força interior para a vida.

Eu acho que são, exatamente, eu acho que *pela criação* que infelizmente as pessoas criam, *a mulher é de... porcelana*. Por mais que a mulher hoje em dia trabalhe e não sei o que, ainda não está acostumado a ver uma mulher que faça esportes radicais. Então, se a gente vai fazer um esporte, já é o máximo, já é a... qualquer uma que seja, se voa bem ou não voa, se tem medo, se não tem, eu acho... ou voar, ou mergulhar, qualquer coisa que ela vá fazer que é diferente do padrão dos outros é legal, é diferente.

O imaginário feminino é construído socialmente, envolvendo a mulher em cuidados, medos e inseguranças, criando a identidade de fragilidade. Talvez por isso a mulher controle a sua ousadia. Ousar é uma tarefa que pertence ao universo masculino, e parece que apenas uma minoria de mulheres consegue escapar das condições sociais constituídas imaginariamente e voa em busca de suas realizações plenas. São, na verdade, grandes aventureiras. Sonhadoras que constroem e não desistem de sua liberdade.

Nesse momento identificamos pistas que nos remetem a sentidos ocultos, que não estão explícitos de forma evidente nas falas das informantes.

Se as voadoras necessitam de um escape da sua rotina e obrigações enquanto mulheres é porque alguma coisa as aprisiona. Se as informantes já se sentissem plenas e livres, não precisariam escapar. Parece que é voando que essas mulheres ressignificam e sentem inteiramente seus corpos. Este momento vivido remete a um imaginário de origem, um imaginário liberto, no qual o ser humano se encontra em sua plenitude com a natureza. Elas vencem seus limites adormecidos que impedem o alçar voo em busca da liberdade.

## **b - A ruptura**

A ruptura emergiu nos discursos das mulheres voadoras com o sentido de superação do medo. Vencer tudo o que assusta e amedronta representa, por meio do voo, romper com uma condição social cuidadosa, oriunda de uma criação superprotetora, e partir para novas conquistas e desafios.

[...] Foi no curso, porque eu tinha muito *medo* de altura, muito *medo* de altura, eu tinha pavor de altura, eu tava saindo de uma... de uma fase ruim de depressão, de *medo*, então eu tinha *medo* de escuro, *medo* de altura, *medo* de ladrão, *medo* de sair de

*casa, medo de roubarem o meu filho, eu tinha medo de tudo, aí eu resolvi fazer a aula, e foi difícil pra mim, foi difícil os estágios, ir subindo nas alturas da escolinha lá, do voo livre, eu tinha muito medo, mais do que voar, mais do que o meu primeiro voo, então vencer esse medo pra mim foi mais importante...*

A ruptura emerge com o objetivo de vencer o medo, superá-lo. O medo faz parte de uma herança cultural de proteção, zelo, cuidado. É subjetivo e pertence ao imaginário de cada indivíduo, pois o que pode provocar medo numa pessoa para outras pode ser apenas um ato comum. Essas mulheres voadoras buscaram superar um medo muito maior em outra dimensão, enfrentando aquele monstro que as queria devorar, tornando-o um monstro menor, controlável, autossuperando aquilo que elas compreendem como algo externo, que lhes foi impingido culturalmente, e despertando uma poderosa força interior de enfrentamento de obstáculos. Desperta-se um imaginário heróico guerreiro; é o herói épico que se manifesta.

Essas mulheres lutam com o dragão, ou seja, pela vivência simbólica confrontam-se com o medo, enfrentam seus monstros. Segundo Muller (1997), a figura do dragão está associada a uma ameaça devoradora e mortal, que configura tudo o que o ser humano pode imaginar como expressão de seu medo existencial. Esse dragão é terrível quando fugimos dele mas, ao lutarmos, o dominamos e o superamos. As mulheres voadoras conhecem e reconhecem seus medos e buscam derrotar seus dragões interiores.

Há a necessidade de romper as amarras socialmente construídas para vencer o desafio de voar, e libertar a força interior que as fazia sufocar.

*O medo... eu aprendi a lidar com o medo lá na rampa, porque é o seguinte, você... eu fazia assim, eu fiz o curso, eu sabia voar, eu tinha a maior condição de voar, e as pernas e o coração tremendo sem parar, quase pulando, a única maneira de eu fazer certo é eu vencer esse medo que fazia a minha perna tremer, então eu tive que ultrapassar isso, eu tive que ultrapassar esse medo... O medo, ele é bom, ele é positivo pra você, porque ele te faz ficar em alerta, e te faz respeitar o limite, se não tivesse o medo ninguém ia respeitar limite nenhum, tava tudo muito mais perdido... então, o medo é super positivo nesse sentido de te dar assim total atenção, de fazer você respeitar, sabe? Agora o medo só é ruim quando ele impede que você faça o que você pode fazer...*

O medo pode ser positivo quando o indivíduo passa a conhecer o próprio limite. E, por não serem suicidas e desempenharem a tarefa de procriação, as mulheres aventureiras precisam respeitar, aguçar sua atenção. Ancoram-se na *sophrosyne* (BRANDÃO, 1995), um estado de moderação, cautela e prudência. É uma forma saudável de respeito aos seus próprios limites. Ser aventureira e se lançar em voos pelos céus não implica em ultrapassar o *métron* e desvalorizar

as margens de segurança. O mito de Ícaro se insinua de forma dialética no imaginário das mulheres voadoras, pois elas não são como Ícaro, que foi imprudente, símbolo do descomedimento que foi além de seus próprios limites voou muito perto do sol e derreteu a cera que colava as asas que seu pai, Dédalo, construiu para que fugissem da ilha de Creta; o Ícaro, que cometeu o grande erro da ultrapassagem do *métron*, se destruiu. No entanto, elas têm grande parte do Ícaro que alimentou os sonhos de voar, de libertar-se da opressão de estar preso nas amarras sociais e culturais. Olhar para o alto, elevar-se, deslizar com seus corpos ao sabor das correntes aéreas são sonhos de liberdade, de elevação. As asas, como as que Ícaro usou, representam o símbolo da desmaterialização, da libertação. Como Ícaro, essas mulheres apropriam-se de um instrumento e partem para os céus deixando tudo aquilo que as aprisiona na terra. São mulheres que possuem um imaginário aéreo.

Segundo Bachelard (s.d.), no imaginário aéreo o indivíduo projeta-se por inteiro e, simbolicamente, voa para a altura em busca de liberdade. Há a imagem da verticalidade, que, segundo o autor, demanda sonhos próprios. Por meio do voo livre, essas mulheres que romperam com seus medos e escaparam brevemente das normas terrestres transcendem o sonho de voo e materializam a experiência que envolve seu imaginário de liberdade. Compreender essa dimensão do esporte é mergulhar no imaginário de seres humanos que não vivenciam somente atos motores, mas vão além de seus movimentos. A verticalidade, o subir e o descer, o estar livre nas alturas com seus corpos sentindo diretamente os ventos, quando carregados de sentidos, ligam-se a esquemas antropológicos (DURAND, 1988). Voar de asa-delta ou de parapente conduzindo seu instrumento no ar não é a mesma coisa que voar num avião, assim como subir uma montanha não representa a mesma coisa que subir uma escada. Não é somente o ato de voar ou de subir, mas aquilo que simbolicamente é conquistado pelo homem quando essas práticas se realizam. O medo que o voo desperta nas mulheres voadoras parece ressaltar uma condição de amor à vida, de transformação interior. Elas exercitam seu limite e procuram sempre estendê-lo, mas reconhecem e respeitam suas capacidades individuais. Engrandecem-se plenamente quando vencem os seus medos, tornam-se fortes. E é vivenciando a experiência da aventura de voar que seu íntimo se renova.

### c - A paixão

Outra marca encontrada no discurso dessas mulheres é a paixão, cuja polissemia remete aos sentidos da *liberdade* e do *lúdico*. Paixão com um sentido de exaltação, de emoção que impulsiona o indivíduo a um fim desejado. Enquanto um sentimento, a paixão faz com que essas mulheres passem a agir

visando a satisfação de seu desejo de voar. Estar nos céus, então, torna-se para as voadoras uma paixão nobre, que reforça suas vontades e desejos humanos.

[...] no começo, muito difícil, mas *eu me apaixonei*, eu achei aquilo o máximo, aquele negócio de você pegar uma asa e sair voando, eu achei assim muito... *eu tava precisando, eu acho que de liberdade, sabe, eu sempre busquei isso*, e então eu achei, o voo livre era aquilo mesmo, né, que eu tava procurando...

A emoção é grande, né, é uma *sensação de tranquilidade, de liberdade*, de... pra mim é mais uma coisa assim, de superar seus limites, entendeu, porque antes eu tinha muito medo, né, até que a minha vontade passou a ser bem maior que o meu medo...

As mulheres voadoras vivenciam plenamente a sensação de liberdade que o voo promove. Materializam seus devaneios. São grandes sonhadoras apaixonadas, voando imersas no silêncio, na paz, na tranquilidade. Para viver essa grande paixão é preciso aventurar-se, dar sentido à superação de seus limites terrenos. Ser inteiramente livre implica na vivência do inusitado. Apresenta-se uma aventura de conquista neste envolvimento do feminino com o voo. Sempre com o fim da liberdade mais pura.

Voar parece ser o êxtase da paixão para essas mulheres. É um mergulho em uma dimensão sagrada, pois quando elas chegam no meio da rampa de salto é como se fosse um suspiro, é a sensação de delícia, de prazer, de plenitude. O momento de decolagem na rampa apresenta-se como o limiar de passagem (ELIADE, 1996). A passagem de uma mulher comum, terrena, com suas tarefas e regras a seguir, para uma outra mulher, a corajosa, a ousada, a livre.

Essa passagem é comparada à sensação do parto. Simbolicamente, parece haver uma produção de vida sendo gestada no interior de seu corpo. Esse alguém que vem sendo carregado em seu interior é expulso naquele momento, na rampa. É ela, a nova mulher, primitiva e aventureira, que renasce naquele momento, desfruta da liberdade e reina em contato com uma força superior: Deus.

É *liberdade, é paz*, eu me sinto em casa, eu decolei, tirei os pés do chão, é o *meu meio, o ar*, ali, tá em contato com... sabe, pegar, *entrar dentro de uma nuvem*, ganhar uma altura, enroscar numa térmica, ver o mundo lá de cima, isso pra mim já faz parte de mim, eu decolei, eu tô em casa, eu me sinto... é onde eu me sinto em melhor estado, é quando eu tô voando...

Vê, eu acho interessante, é o sentimento de você *conquistar uma outra dimensão*, né, e *essa sensação de você conquistar uma outra dimensão*, ela te dá uma certeza de que *você é rico*, né, você é mais rico que as outras pessoas, você pode andar em mais de uma dimensão, então... isso é muito interessante... te dá um prazer...

O inusitado é entrar em uma nuvem, o elemento onírico transformador (BACHELARD, s.d.), conquistar uma nova dimensão e sentir-se tão livre quanto estar na sua casa, num lugar onde se desfruta de intimidade. O ar, símbolo da espiritualização e purificação (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1999) torna-se seu meio natural. É o momento máximo de descoberta interior, onde cada mulher torna-se intimamente à vontade e poderosa. Desperta-se a paixão por meio do poder de ser capaz de transitar pelos espaços naturais dos animais marinhos e aéreos. Essa conquista torna a mulher mais rica que as pessoas comuns, que não experimentaram com seus corpos essas sensações de estarem nas profundezas do mar ou na imensidão da dimensão aérea. Estar apaixonada é estar livre e vivendo de modo lúdico aqueles momentos.

Hum... eu acho que basicamente a mulher que resolve que vai voar... entendeu, eu não sei... eu vou dizer por mim, eu... é porque eu gosto dessa coisa de *amplidão*, entendeu, e então nada melhor do que fazer um voo pra se sentir... *dentro dessa amplidão* toda, eu sempre gostei de praia... sempre gostei de... vir à praia sempre me deixou mais calma, né, não é só a questão de vir à praia, é chegar e ter contato com o *mar*, *horizonte*, *infinito*, essas coisas assim... isso pra mim é uma coisa, isso é uma coisa que eu procuro, e *isso tem muito dentro do voo*.

O lúdico parece despontar com o sentido da estética. Viver o lúdico, para as mulheres voadoras, é "curtir a paisagem", estar em harmonia com a amplidão, o horizonte, num espaço mágico em que as cores e a beleza da natureza podem ser contempladas e registradas.

Schiller (1995) afirma que a beleza e o juízo sobre o belo não se apresentam inteiramente puros, pois o indivíduo se entrega à contemplação estética conforme o seu momento emocional, seu humor. É preciso estar em equilíbrio e harmonia consigo mesmo para apreciar o belo.

O autor nos diz que, ao contemplar o objeto repleto de beleza, o indivíduo projeta simbolicamente a sua própria liberdade sobre esse objeto. E essa emoção estética é percebida pelo homem como um instinto ou um impulso.

As mulheres que praticam o voo livre como lazer, curtindo, relaxando, fotografando, sentindo-se em estado de graça neste cenário rico de beleza, parecem viver esse impulso lúdico para encontrar sua liberdade.

Devido ao impulso lúdico, afirma Schiller (1995), o indivíduo dá vida às coisas que vê e toca com seu corpo. É por meio do impulso lúdico que a sensibilidade e a razão atuam juntas e fornecem a sensação de liberdade ao sujeito diante do belo.

Nas práticas de atividades de lazer que têm como componentes essenciais o lúdico e a liberdade, a dimensão estética que se caracteriza fornece ao homem a oportunidade de estar em contato com sua humanidade plena. O voo livre, neste sentido, pode ser percebido como um jogo corporal que desencadeia formas de beleza, em uma dimensão rica em amplitude e paz. A natureza encontra-se provida de exuberâncias e energias com as quais as mulheres se fundem, passando a sentir-se parte integrante dela.

E, nessa integração do feminino com o espaço da natureza, emerge nos discursos das informantes o Arquétipo da Grande Mãe. As mulheres voadoras parecem identificar-se com a natureza como provedoras da vida.

### **d - A mãe**

A experiência mais primordial de todo ser humano é com a sua mãe. Para Jung (1968), essa relação do indivíduo com o arquétipo materno é uma vivência universal e, como todo arquétipo, pode assumir uma infinidade de aspectos. Encontramos como símbolos, na terra, na caverna, no útero e na própria natureza, a grande mãe de tudo que é vivo. O maternal que emerge em tudo aquilo que alimenta, nutre, dá vida, aconchega é a forma positiva da vivência do arquétipo maternal, que promove autorrealização e crescimento pessoal, sendo uma fonte de forças para o ser humano.

No discurso das mulheres voadoras, o arquétipo Mãe manifesta-se no seu sentido mais amplo, por ser a natureza a origem e matriz de tudo.

*Tudo, a natureza é a vida, é o pulmão do universo, né... a natureza é uma parte integrante de Deus, né [...] então a natureza pra mim é a mãe. A mãe natureza, é uma mãe da gente, né... A gente tem a mãe biológica, a mãe carne, e a gente tem a mãe natureza que é a nossa mãe, que a gente tem que ter amor por ela.*

As mulheres percebem a natureza como a mãe, e identificam-se com o feminino que perpetua a espécie. É o máximo da troca de energia pura e verdadeira.

Parece que nesta relação mulher/mãe/natureza mais um mito começa a se insinuar: Deméter, a grande mãe de todos nós. Esta deusa representa tudo aquilo que protege, que aconchega, que acalenta. O amor materno é a principal marca arquetípica deste mito.

As voadoras sentem a natureza como uma mãe, mas elas também exercem esse papel quando estão na dimensão terrestre. São femininas e provedoras da vida. Isto fica explícito na fala em que a informante compara sua relação com a natureza com o "abraço de uma mãe em uma filha". O cerne do mito de Deméter está na relação íntima entre a mãe e a filha. Segundo Woolger e Woolger (s. d.), esta deusa perdeu sua filha Coré (que depois foi chamada de Perséfone), sequestrada por Hades em acordo com Zeus. Após muito sofrimento, Deméter abandona o Olimpo e envia uma terrível seca sobre a terra, que ameaça destruir a espécie humana. Zeus então, em acordo com Hades, deixa Coré retornar após comer a semente doce da romã. É permitido então que ela passe um terço do ano no mundo avernal com seu marido, Hades, e o restante ao lado de sua mãe, Deméter.

Deméter é bondade e amor. É a mãe que luta pela sobrevivência de seus filhos, especialmente por uma filha, mas também pode-se revelar forte com sua grandeza e esplendor. Para Woolger e Woolger (s. d.), "este enfaticamente não é um mito sobre uma mãe no lar; trata-se mais da maternidade conforme se reflete e é desfrutada na abundância da natureza" (p. 220). Observamos esta relação nos discursos das mulheres informantes deste estudo:

*... ela tem muita força, eu acho que a gente tem que respeitar, eu acho que se você não respeitar ela acaba mostrando: 'olha, eu tô aqui e você é pequenininha, entendeu, e eu sou muito maior que você, entendeu?' É, eu acho que a condição do vento... e acabo prestando atenção em tudo... você acaba aprendendo muito mais, entendeu, eu passei a prestar atenção no céu, nas nuvens, na condição do vento, é... no mar... em tudo que voa, todos os bichos que voam, urubu, gaivota, tudo, você passa a prestar mais atenção...*

Assim como a natureza é a mãe bondosa que troca energia e aconchega, ela também pode se manifestar como aquilo que Jung (1968) denominou de a "Mãe Terrível". É poderosa, forte e impõe o limite. São os símbolos maternos que seduzem, devoram e destroem.

A natureza fornece pistas que devem ser compreendidas e respeitadas, pois a simples existência dos fenômenos naturais já representa a sua força e poder. Para praticar um esporte como lazer no espaço selvagem, as mulheres precisam prestar muita atenção nas condições do tempo, decifrar a linguagem

da natureza e perceber seus limites. É preciso aguçar a sensibilidade, admirar e respeitar a Grande Mãe.

## **e - O diálogo com a natureza**

Para as mulheres praticantes de esporte aventura, voar é estar integrada com a natureza, dialogando a todo instante, consagrando a vida. É um diálogo sensitivo, no qual se revelam sentidos nas pistas enviadas pela natureza. É uma lição de amor à vida.

*Olha, voar pra mim não é só um esporte, não é um esporte, é consagrar com a natureza a beleza da vida. O voo pra mim não é só você ir lá e pegar... como você pega uma moto, ou como pegar uma raquete de tênis, é uma coisa diferente que te dá uma integração muito forte com a natureza, com a vida, sabe, com o amor à vida, o respeito à vida. E não só a minha, mas como a tudo, porque você lá de cima você tem a visão do todo, tudo faz parte, sabe, qualquer coisinha que você mexe aqui faz parte de um todo, você tá vendo, então você passa a ficar mais integrado, e mais... integrado mesmo com tudo, você se preocupa mais com o todo, que faz parte de você mesmo. Sabe, eu acho que foi isso a maior lição que eu tive com o voo livre!*

Interagir com a natureza é descoberta. É a integração que permite a ampliação dos sentidos, a expansão da sensibilidade. As mulheres passam a observar o espaço da natureza com um olhar mais apurado. É o despertar de sensações. É troca de energia.

É preciso perceber as pistas e dialogar com a natureza para praticar plenamente e com segurança uma atividade física no seu meio. Em troca, a integração forte, a união no amor e o respeito pela vida. É diferente de outras práticas corporais como jogar tênis, futebol, fazer ginástica em academia, na qual o espaço é domesticado (PARLEBAS, 1988), não se movimenta e não se mantém um "diálogo" com os indivíduos.

*[...] e no ar tem as correntes, só que você não vê, elas são invisíveis, você acha que não tem nada ali e tem corrente pra cima, corrente pra baixo, sabe, então você tem que sentir, perceber isso...*

É como se existissem vias sobrepostas, caminhos invisíveis. Você os intui, imagina o seu percurso e vai. Constrói no ar um rastro, também invisível, que, aos poucos, vai marcando sua trajetória. É como se a própria natureza envolvesse a voadora e o instrumento (asa-delta/parapente) e lhes apontasse o portal da entrada na corrente aérea.

*[...] mas o ar, das dimensões, eu acho que é a mais interessante, porque o ar... ele é transparente, você não vê, ele é muito sensitivo, é... você no convívio no ar, você vai*

começando a perceber muita coisa, que *a tua sensibilidade fica aberta pra aquilo*, né, uma térmica você não vê, você sente, mas chega uma hora que você vê mesmo sem tá vendo, você olha e sabe: "olha, ali tem uma".

Voar é crescimento interior, é despertar de sensibilidade. É perceber e sentir o invisível, tornar compreensível o vazio que conduz e embala seu corpo. É estar em um espaço no qual somente poucos mortais transitam: o espaço sagrado. Segundo Eliade (1996a), a natureza é sempre carregada de valores sagrados para o homem religioso. A natureza sempre exprime algo que a transcende. No caso das mulheres voadoras, essa vivência também carrega uma religiosidade, parece que a dimensão em que é realizada a prática esportiva de voo é um espaço mais próximo de Deus, no qual o tempo vivido é sagrado.

Pra mim... *a natureza pra mim é Deus, é...* que tá em tudo, que tá em todo lugar, é tudo. A natureza pra mim é fundamental, eu sou extremamente ligada com a natureza, desde quando eu comecei a voar. É a integração, é a minha respiração, é respirar, *a natureza é a própria respiração*, ciclo da vida, sabe?

Voar é bom demais! Voar é poder estar mais em cima, é transcender um pouco mais, *é poder falar com Deus ali, sem ninguém por perto*.

Ah, pra mim a natureza é a criação, é tudo, né... eu diria que do mesmo jeito que *eu me sinto uma manifestação divina, um pouco de Deus em ação, eu também acho que a natureza é uma manifestação divina, ela também é Deus em ação, é por aí, né...*

A natureza, para essas informantes, é Deus em ação. É transcendente, com forte significado. É a própria respiração. Ousar saltos na dimensão aérea é aproximar-se da plenitude e da energia mais pura. Sentindo o aspecto divino em si, elas buscam a profunda serenidade, o sincero encontro com seu EU-NATUREZA<sup>99</sup> tendo o corpo acariciado pelo sopro dos ventos. É uma manifestação divina.

## **f - O resgate**

*A natureza já chama 'a natureza', no feminino, né... Já está no feminino, já estou com uma parceira minha, né... a natureza já é minha parceira no sentido do feminino da palavra...*

As mulheres voadoras parecem resgatar algo perdido socialmente. Elas escapam e rompem com sua condição feminina da terra em busca do resgate de seu feminino pleno. Encontram seu EU-NATUREZA por meio de uma aventura lúdica. Voando, elas apaixonam-se, brincam no ar e tornam-se verdadeiramente livres. Parecem vivenciar o limite qualitativo da beleza plena de ser mulher.

<sup>99</sup> Este encontro do esportista aventureiro com seu EU-NATUREZA também foi apreendido por Costa (2000), em seu estudo sobre esportes de aventura e risco na montanha.

## Considerações Finais

Essas mulheres, praticantes de voo livre, fizeram surgir a ideia de ruptura em detrimento da continuidade histórica da experiência de sua condição, pondo em evidência a capacidade de viver o inédito, a invenção em si das sociedades humanas. Tal espírito aventureiro só pode ser estabelecido se associado às ideias e sonhos, com aparência de atos, não somente nas grandes realizações coletivas, mas nos meandros de gestos cotidianos por meio dessas potências dinamizantes do devaneio, o acolhimento de ideias sempre novas e abertas à variabilidade, anunciando que nada é definitivamente fixado dentro de formas instituídas. A vivência utópica, alternativa, imaginada, ressignificou as vivências de mulheres que ousaram voar por esporte, experimentando uma ruptura transformada que as tirou dos seus lugares de estabilidade anterior: a condição de sombra num espaço esportivo em que se privilegiam as masculinidades.

Em seus discursos há necessidade de busca de “algo” perdido em seu íntimo. Mas o que estaria perdido? Por que essas mulheres que vivem em um grande centro urbano, cercadas pela tecnologia dos tempos atuais, precisam recuperar sua força interior no contato com a natureza? É a liberdade. É uma espécie de retorno ao primitivo da natureza, onde as voadoras são livres e precisam contar somente com seus atos para interagir com os ventos. São mulheres que, ao voar de asa-delta ou de parapente em momentos de lazer, vivenciam uma experiência que vai além da simples prática de uma atividade física. Elas superam seus medos e lidam com atributos da personalidade como a ousadia e a coragem.

Ao mergulharmos no universo imaginário das mulheres voadoras fomos lentamente percebendo que algumas marcas arquetípicas nos conduziam às figuras míticas de Atena e Ártemis. As imagens dessas deusas são portadoras de sentidos que emergiram como substrato nos discursos das voadoras.

O grupo de mulheres que voa de asa-delta e parapente vive em um grande centro urbano, mas por meio de uma prática esportiva experimentam por alguns instantes o contato com a natureza. É o meio em que se sentem plenas e verdadeiramente livres. Parece que esta relação feminina com o espaço urbano/natureza apresenta uma pista que remete aos mitos de Atena e Ártemis.

Atena é a deusa da civilização e rege os aspectos da vida urbana, enquanto sua irmã Ártemis é a protetora da natureza selvagem, é a deusa dos espaços em que a natureza floresce e encontra-se mais presente.

Ambas são filhas de Zeus, o poderoso deus do Olimpo. São mitos femininos que representam a coragem, a força, a independência e a sabedoria. Essas deusas também possuem como ponto comum a personificação dos atributos do feminino e do masculino em suas personalidades arquetípicas – a androginia.

Ao ousarem escapar das ocupações domésticas, profissionais e maternas de seus cotidianos, elas reúnem força, autonomia e confiança em si para superarem seus medos. São as qualidades masculinas, herdadas de Zeus e presentes nesses mitos, que conduzem as mulheres até a rampa de decolagem. A deusa Atena emerge com sua postura soberana e guerreira, que é capaz de suportar os mesmos desafios e quedas dos homens. É essa confiança e coragem que move as mulheres a viverem a aventura de realizar o sonho de voar. Os atributos de confronto, superação, controle, determinação, caracterizam essa deusa.

Mas, após o salto, quando ultrapassam o limiar de passagem do universo profano para a imensidão sagrada dos ares, são os aspectos do feminino que parecem tomar conta das mulheres. A natureza passa a ter um sentido simbólico grande. É o lado feminino de Ártemis que está presente neste instante. Amante da natureza, com toda a sua energia vital no corpo, esta deusa resgata em solidão o arquétipo da feminilidade mais pura. Segundo Woolger e Woolger (s.d.), “é exatamente a confiança que tem em sua feminilidade que permite explorar com vigor sua ‘masculinidade’, o que vale dizer, seu lado que ama a liberdade” (p. 88). É a deusa da natureza mais primitiva. E a natureza, enquanto potência e provedora da vida, é o espaço em que as mulheres buscam o encontro com seu imaginário de liberdade. Voando sozinhas pelos ares, as voadoras resgatam forças para suportar o cotidiano da terra.

Risco e segurança foram os motores da ação dessas mulheres no sentido de vivenciarem a ousadia de voar por esporte. Riscos na ousadia e segurança na ordenação de um grupo feminino que se autoidentificou como “desbravadoras de uma nova condição social e esportiva”. O risco tomou o viés forte da emancipação, um contexto partilhado para com a emancipação de grupo de mulheres que soltou as amarras, os lastros e planou sobre o mundo.

*Abstract: This research, of qualitative nature, had the objective to investigate some senses of adventure and risk present in the discourses of the women who practice hang-gliding and paragliding for leisure; and to highlight some symbolic and mythical elements expressed in the discourses of these women. Eight semi-structured interviews have been carried out with women*

*who practice free flight. The methodology used for the interpretation of these speeches was the Analysis of the Discourse of Orlandi (1987, 1993, 1999). The mapping of the senses of the adventure and the risk allowed that the following marks in the discourses emerged: the escape, with the polysemous sense of deroutinization and feminine social condition; the rupture, with the sense of overcoming the fear; the passion, with the sense of the playful activity and the freedom; the mother; the dialogue with the nature; the rescue. The utopian, alternative, imagined experience, has given a new meaning to the life experiences of women who have dared to fly for sport, experiencing a transformed rupture which has taken them from their previous conditions of stability: the condition of shadow in a sporting space in which the masculine characteristics are privileged.*

*Keywords: woman, adventure, risk, free flight*

*Recebido em abril de 2009 e aprovado para publicação em julho de 2009.*

## **Referências**

- ABDALAD, L. S. Mulheres e vôo livre – o universo feminino nos esportes de aventura e risco. Rio de Janeiro: Nitpress, 2005.
- BACHELARD, G. O ar e os sonhos. São Paulo: Martins Fontes, [s.d.].
- BRANDÃO, J. Mitologia grega – v. I. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. Mitologia grega – v. II. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- COSTA, V.L.M. Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário. Rio de Janeiro: Manole, 2000.
- COSTA, M.; GUTHRIE, S. R. (1994). Women and sport – interdisciplinary perspectives. California State University – Long Beach: Human Kinetics, 1994.
- DEL PRIORI, M. (org). A história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.
- DURAND, G. A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, 1988.
- DURAND, G. As estruturas antropológicas do imaginário. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- ELIADE, M. O sagrado e o profano. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- JUNG, C. G. Obras completas de C. G. Jung - vol. 9. Princeton University Press, 1968.
- LE BRETON, D. La sociologie du risque. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- \_\_\_\_\_. L'aventure – la passion des détours. Paris: Autrement, 1996.
- MAFFESOLI, M. Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. São Paulo: Record, 2001.
- MINISTÉRIO DOS ESPORTES, Conselho Nacional de Esportes, resolução nº 19 de 09 de abril de 2007.
- MOURÃO, L. A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UGF, 1998.
- MULLER, L. O herói: todos nascemos para ser heróis. São Paulo: Cultrix, 1997.
- ORLANDI, E. P. A linguagem e seu funcionamento – as formas do discurso. São Paulo: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. As formas do silêncio – no movimento dos sentidos. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.
- \_\_\_\_\_. Análise do discurso – princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 1999.
- PARLEBAS, P. Elementos de sociologia del deporte. Málaga (Spain): Junta de Andalucía/ Universidad Internacional Deportiva de Andalucía, 1998.
- PEARSON, C. S. O herói interior – seis arquétipos que orientam a nossa vida. São Paulo: Cultrix, 1989.
- PFEISTER GERTRUD & HARTMANN-TEWS, Ilse. Women and sport in comparative international perspectives. Issues, aims and theoretical approaches. In: \_\_\_\_\_ & PFEISTER, G. (Eds.). *Sport and women: social issues in perspective*. London: Routledge, 2003. p. 1-14.
- SCHILLER, R. A educação estética do homem numa série de cartas. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- SIMMEL, G. Sobre la aventura – ensayos filosóficos. Barcelona: Edicions 62, 1988.
- WOOLGER, J. B.; WOOLGER, R. J. A deusa interior – um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas. São Paulo: Cultrix, . [s.d.].